

SETEMBRO

Asas multicoloridas

Das matas às ruas dos grandes centros, uma unanimidade em setembro é a proliferação dos insetos. Não só daqueles inoportunos, como mosquitos e moscas, mas também os representantes mais coloridos dessa ordem animal: as borboletas. Estamos longe de assistir a espetáculos grandiosos, como a migração de milhões de borboletas monarca (*Danaus plexippus*) do Canadá e Estados Unidos para o México, que acontece exatamente nesta época do ano (quando no Hemisfério Norte tem início o outono). Mas temos uma boa diversidade de asas de todas as cores para ajudar os beija-flores e dar conta de toda a produção de néctar, que agora se torna disponível.



LIANA JOHN

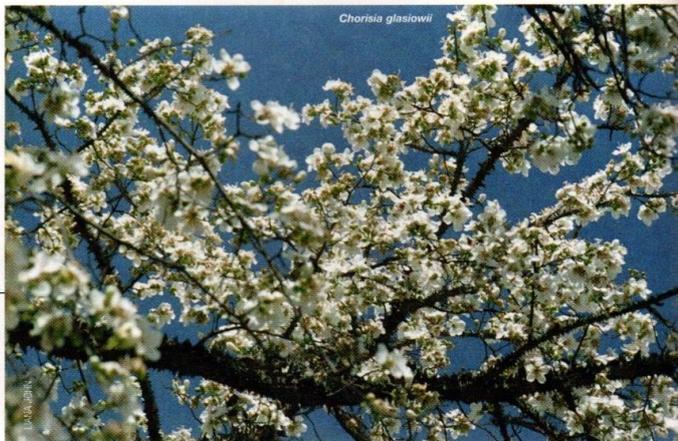
Flores sincronizadas

O clima ainda hesita entre quente e frio, com grande amplitude térmica entre o dia e a noite, e as primeiras chuvas ameaçando lavar a névoa seca do horizonte de inverno. A estação das flores só começa no fim do mês, no dia 22, e muitas plantas não sabem como reagir ao clima indeciso. A primavera tropical não é marcada por uma semana em que tudo explode em cores, hormônios à toda e crescimento vertiginoso, mas temos cá nossas árvores que fazem questão de estampar a notícia da chegada de uma nova estação em todos os seus ramos, um mais carregado de botões do que o outro. A paineira branca (*Chorisia glaziovii*) é uma delas. Enquanto as paineiras comuns há muito já deram suas flores rosadas e as trocaram pelos frutos, exibindo chumaços de paina macia, essa espécie ainda está abrindo seus botões, e todos ao mesmo tempo, de modo a encher o ar com a admiração de quem quer que passe por perto.



Danaus plexippus

AGUIRRE MARTES



Chorisia glaziovii

AGUIRRE MARTES



Pingos de sol no verde da mata

O aumento da umidade do ar e as primeiras chuvas captadas entre as folhas, sobretudo na Mata Atlântica, fazem as bromélias florescerem. E o vermelho vivo que então emerge pontua o verde da floresta, refletindo a luz solar. Durante a seca do in-

verno tropical, no Sul e Sudeste do Brasil, as bromélias garantiram a oferta de água aos animais de copa. Agora muitas delas se preparam para morrer, ao emitir suas flores. A maioria das espécies dessa família — Bromeliadae — floresce apenas uma vez na vida, após o que desenvolve um broto lateral que irá crescer e tomar seu lugar.

De barriga cheia Ninhadas 'sexistas'

Nos descampados e em meio à vegetação aberta, as diversas espécies de tatu — 24 ao todo, no Brasil — aproveitam suas saídas noturnas para encher a barriga com os cupins e formigas. Com as primeiras chuvas e a estação da reprodução, chega o tempo das revoadas desses que são seu principal alimento. Os tatus não podem pegá-los em vôo — tarefa que deixam para andorinhas e outras aves — mas muitas delas logo caem, perdendo as asas e o rumo de casa. E é aí que os tatus aproveitam!

Contam os especialistas em tatus, que as ninhadas desse animal americano podem ter 4 ou 6 filhotes, conforme a espécie. Mas eles são sempre do mesmo sexo, todos. Se nascem fêmeas, será um 'Clube da Luluzinha'. Se nascem machos, um 'Clube do Bolinha'. A curiosidade já foi até transformada em verso popular, conforme cita Rodolpho von Ihering, em seu Dicionário dos Animais do Brasil: "O tatu mais a mulita, é lei de sua criação. Sendo macho não pode ter irmã, quando fêmea não pode ter irmão".



Meia estação na pescaria

No calendário das estações, setembro está mais para o inverno do que para a primavera. Mas o calor predomina e os peixes que andaram 'escondidos' no frio voltam à atividade plena e fica mais fácil fisgá-los. Uma situação que a sabedoria cabocla resume num ditado: mês sem R, mês sem peixe. Em setembro, voltam o R e os peixes. Entre eles, curimbatá, bagre, lambari, piaui, piava, tabarana, barbado e tilápia. Como o nível dos rios continua baixo, predadores como bicuda (foto), dourado, matrinxã, cachara e cachorra continuam atacando as presas e as iscas. No mar, dá para arriscar quase todos os peixes, dependendo do ponto da costa e da temperatura da água. Espécies que não gostam de altas temperaturas continuam ocorrendo, como bijupirá, cavalinha e corvina. Outras que preferem águas mais quentes começam a aparecer, como xaréu-amarelo, sargo-de-beiço e badejo-mira.

Frutas do Cerrado

No Brasil Central, setembro é mês de muitas frutas nativas. O bacupari (*Salacia campestris*) vai mostrando seus tons de amarelo, bom para consumo in natura e em sucos. O baru (*Dypterix alata*) pende, alongado e marrom, das pontas dos galhos, de onde vai direto para os tachos de fabricação de doces e geléias. O caju-de-árvore-do-cerrado (*Anacardium othonianum*) exibe seu efêmero vermelho, que dura pouco mais de um mês. E o jenipapo (*Genipa americana*) amadurece nas matas secas, matas de galeria e cerradões.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI

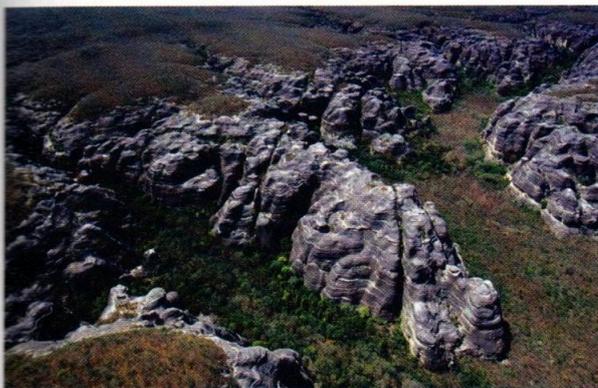
ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Jogos de luz e sombra

Desenhos mutantes tornam animados os cânions, grutas e colunas da Serra das Confusões, no Piauí



FOTOS: ANDRÉ PESSOA

Reentrâncias e protuberâncias cuidadosamente esculpidas pelo vento ao longo de milhões de anos se desdobram, esticam, encolhem e até desaparecem, à medida que o Sol segue seu curso, ao longo do dia. A luz escapa por entre frestas, reaparece um bocadinho mais tarde, faz crescer sombras e aumenta buracos, só para depois fazê-los encolher novamente. As paredes recortadas pela erosão e cheias de ilusão de ótica deram nome à Serra das Confusões, localizada no Piauí, entre os municípios de Caracol, Guaribas, Santa Luz e Cristiano Castro, nas terras altas (interflúvios) que separam as águas dos rios São Francisco e Parnaíba.

As formações residuais, que resistiram ao desgaste

de eras geológicas, são de arenito. E arenito é a matéria-prima favorita do tempo, em suas brincadeiras erosivas. Os paredões da serra são cheios de esconderijos, há muito habitados por homens primitivos, que também tinham sua veia artística, e lá deixaram uma bela coleção de pinturas rupestres. Por isso, desde 1998, as Confusões estão protegidas por um parque nacional, de 526 mil hectares, distante 620 km da Capital do Estado.

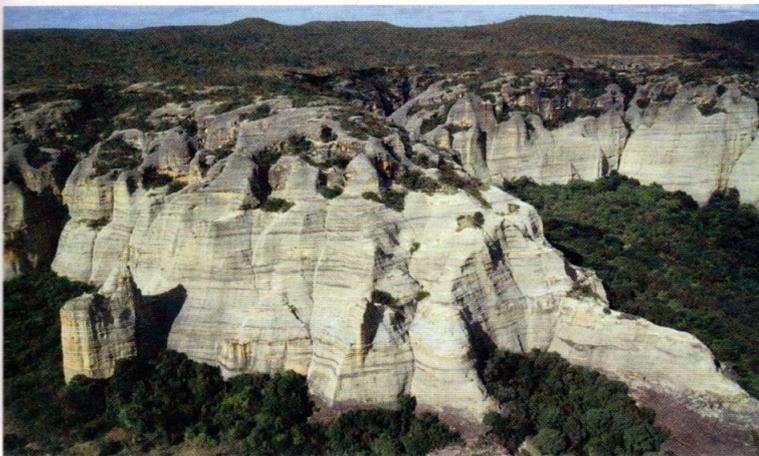
O clima é o tropical semi-árido e a vegetação ali em volta é de caatinga. O sol, inclemente, força os bichos a procurar o mesmo abrigo dos homens primitivos. E não raro se encontram cobras, mamíferos e aranhas caranguejeiras compartilhando a mesma sombra, 'amansados' pelo calor excessivo. A caatinga tem algumas árvores, uma boa dose de arbustos de galhos retorcidos e muitos cactos, espalhados pela paisagem de terra seca, repleta de xique-xiques, mandacarus e qui-pás. Eles desafiam os abismos, e muitas vezes teimam em nascer nas escarpas mais altas, confiantes em suas raízes, sem receio da queda.

Embora durante as chuvas tudo se modifique e a paisagem fique irreconhecível de tão verde, na maior parte do ano a secura torna o cenário acinzentado. O arenito velho é escuro, cinza escuro. O arenito recém-quebrado é mais claro. E o escuro-claro é cúmplice das mutações luminosas, ajudando a dar ao cenário um ar peculiar, difícil de ver em outras localidades brasileiras.

Junto com sua vizinha, a Serra da Capivara, a Serra

das Confusões abriga um dos maiores complexos arqueológicos do País, com centenas de cenas estampadas na pedra, à espera do paciente trabalho de compilação e reunião de todo o material, para que se monte o quebra-cabeças da nossa pré-história. Enquanto os arqueólogos fazem seu trabalho, a luz segue um roteiro próprio, no eterno jogo com as sombras.

LIANA JOHN







USO SUSTENTÁVEL

FLOR DO CERRADO

Com nome de flor, cercada de flores por toda parte, Rose Mendes faz de seu artesanato popular uma história de sucesso.

Com responsabilidade social e posturas ambientalmente corretas

“**E**u comecei como Rose, uma flor só, hoje já sou um jardim. Somos 27 pessoas envolvidas. Sozinho ninguém vai a lugar algum”. Rose Mendes fala sem deixar de mexer as mãos. Junta folhas em camadas concêntricas e amarra a base com firmeza: mais uma flor está pronta e vai para uma grande caixa de papelão, esperando a vez na montagem de um sofisticado painel de parede ou uma bolsa social, que nada deve em design aos melhores estilistas. A ‘oficina’ é na garagem de uma casa simples, em Samambaia, cidade satélite de Brasília. A filha cuida da administração. As vizinhas tecem bolsas, saias, xales,

montam sachês, almofadas, jogos americanos, porta-guardanapos, painéis, cortinas. O marido e o irmão ajudam na coleta da matéria-prima. Rose é o coração do grupo Flor do Cerrado, uma associação de artesãs com assessoria técnica do Sebrae-DF e clientes no eixo Rio-São Paulo, além de alguns admiradores internacionais.

O grupo existe há dois anos. Nasceu porque Rose não se conformava com o desperdício de mão-de-obra ao seu redor. “Tanta gente habilidosa, tão capaz, sem emprego, sem renda, sem auto-estima, trabalhando por alguns trocados, quando e se havia trabalho”, resume. “Comecei a dar cursos de fabricação de flores, mas o

O artesanato com a flor do cerrado já é exportado

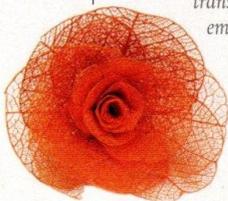
trabalho era voluntário, as mulheres aprendiam e não tinham onde vender, não gerava renda. Aquilo me fazia mal, ficar parada, ver as pessoas paradas”.

Então Rose fez o curso de empreendedorismo social do Sebrae e conheceu o designer Renato Imbroisi, a quem trata como uma espécie de ‘anjo da guarda’ dos artesãos populares brasileiros. Com suas dicas especializadas, ele ajudou a transformar o artesanato simples daquelas mulheres de Samambaia em peças sofisticadas, ajustadas ao mercado de decoração e acessórios femininos e, sobretudo, rentáveis. É dele também a recomendação de limitar com rigor a produção, para não cair na armadilha de assumir mais compromissos do que se pode atender, comprometendo a qualidade do trabalho. O recado foi bem assimilado e a política de não popularizar para manter a exclusividade já rendeu exposições em ministérios, em eventos diplomáticos e até no exterior. Os revendedores estão limitados em cerca de 50 empresas e lojistas — sendo uma em Miami (EUA), outra em Lisboa (Portugal) e o restante no Brasil. Um sistema de cotas organiza as encomendas.

“Não somos carentes, somos mulheres de fibra, muito profissionais,

HABILIDADE

As mãos habilidosas de Domingas transformam a flor do cerrado em painéis, cortinas (ao alto) e buquês (ao lado)



FOTOS: LIANA JOHN





FOTOS: LANA JOHN



e sabemos que o mercado nos cobra isso. Comprar nossos produtos não é caridade, não é esmola para ninguém”, esclarece a líder do grupo. “Sabemos receber cobranças e elogios e sabemos que a responsabilidade cresce conforme conquistamos mercados”.

As flores das artesãs diferem das flores secas normalmente vendidas nas feiras e nas lojas de Brasília. Em primeiro lugar, porque não são realmente flores. São folhas — largas, estreitas, ‘moedas’, ‘palitos’ —, todas nativas dos cerrados de Goiás e do Distrito Federal. Elas passam por um processo conhecido como esqueletização: são fervidas, em fogão a lenha, mexidas e remexidas, durante 18 horas, até perder toda a clorofila, todo o verde. Restam as nervuras, o ‘esqueleto’. As folhas ganham leveza, transparência e uma textura delicada, sem, no entanto, ficarem frágeis. Algumas são tingidas com corantes naturais, outras entram nas anilinas químicas, uma boa parte

PROFISSIONAIS

As artesãs do grupo Flor do Cerrado, Romualda (ao alto), Regina e Conceição (ao lado)

Tempo parcial, dedicação integral

Entre as mulheres do Grupo Flor do Cerrado, os horários e locais de trabalho são flexíveis, adaptados às necessidades de atendimento dos filhos e familiares. O pagamento é feito de acordo com a produção. E cada uma contribui com o que sabe fazer de melhor, garantindo a excelência do conjunto. Regina Silva Lisboa, 3 filhos, e Conceição Aparecida de Lima Alves, 5 filhos, todos em idade escolar, preferem levar o trabalho para casa. Passam para

pegar as folhas já esqueletizadas e tingidas, e depois trazem as flores prontas. Tiram de R\$ 300,00 a 700,00 por mês. Romualda Aparecida Gonçalves de Aquino, 3 filhos, também leva o serviço para casa. Mas sua especialidade é o crochê, que serve de base para os xales e as bolsas, onde depois serão fixadas as flores. Já Domingas Maria da Conceição da Silva, de 60 anos, trabalha na garagem de Rose, entre o fogão de lenha e as caixas de matéria-

prima. Tem 5 filhos criados — “a caçula com 24 anos” — e já fazia cordas e redes de palha de buriti em Barreira, no norte da Bahia, onde morava. “Agora tá mais bonito o trabalho”, diz, enquanto alterna flores claras e escuras num grande painel de parede, carro-chefe das vendas. A fala é pouca e a timidez é grande. Mas os olhos não escondem o orgulho de transformar simples folhas em uma colorida e permanente primavera.



FOLHA POR FOLHA

As folhas são juntadas em camadas e amarradas, (fotos acima), formando as flores que são usadas nos produtos finais (ao lado)

permanece nos tons 'crus'. Todo o processo de preparo leva uma semana. Aí as mãos daquelas mulheres juntam folha por folha e as amarram em pequenos feixes, criando rosas, ramalhetes e buquês. E finalmente as flores compõem os produtos finais: utensílios, objetos de decoração, acessórios, pequenas e grandes obras de arte.

A segunda diferença importante do grupo Flor do Cerrado em relação a outros extrativistas de flores do



Cerrado é a preocupação com a conservação das espécies coletadas. Muitos extrativistas coletam as flores genericamente conhecidas como 'sempre-vivas' sem qualquer critério ou controle, e já levaram diversas espécies a extinções locais. Muitas coletas populares também incluem frutos e sementes — em especial as sementes 'aladas', aquelas dispersadas pelo vento. Com formas e texturas bem variadas, elas compõem belos arranjos, porém o excesso de demanda consome os estoques naturais e

afeta, conseqüentemente, a renovação do Cerrado.

Rose repete as regras ambientalmente corretas do grupo: "Aqui não pode haver desperdício: coletamos as folhas do chão, usamos todas as folhas coletadas, de todos os tamanhos, com e sem defeito. Com as sobras criamos outras coisas, inventamos. E usamos todos os restos de papel também, para fazer as embalagens onde despachamos nossas encomendas. Nossa fonte de recursos vem do Cerrado, então temos que cuidar bem





FOTOS: LIANA JOHN

ESTILO

Com as dicas do designer Renato Imbroisi, as artesãs criaram acessórios diferenciados (ao lado e abaixo)

radores e uma legião de fãs. “Quero construir uma empresa com responsabilidade social, levar minha família toda, e as famílias dos funcionários, para dentro da fábrica. Eu sozinha posso pouco, com os outros posso muito mais”, resume a artesã. E arre-mata, sem parar de arrumar, amarrar e ajeitar as flores: “Não pense que no começo era tão bonito. Tudo é a energia que a gente consegue através do trabalho. Tudo na vida tem que ter prazer de fazer. Se a gente gosta, faz bem feito. Mas tem que melhorar e aprender todos os dias”.

LIANA JOHN

dele: só retiramos o que precisamos e já temos um projeto de plantio das árvores que mais usamos”.

O projeto está tomando forma em Santo Antônio do Descoberto, em Goiás, onde Rose já tem um terreno de 3 mil metros quadrados e planos

de montar um galpão para o artesanato, um depósito e uma oficina para cursos, dirigidos à ‘melhor’ idade e aos jovens, com alimentação e assistência médica. A construção deve sair de mutirões, envolvendo as famílias das mulheres do grupo, seus colabo-

PARA SABER MAIS:

Flor do Cerrado: (61) 3358 5184
Sebrae-DF: www.df.sebrae.com.br
(61) 3362 1700

